

A atmosfera é intemporal, como a dos sonhos. À distância, emitindo uma luz fria que mantém neutras as cores, a linha de horizonte divide em água e céu o espaço misterioso onde se situam — como as estranhas formas de Tanguy — as figuras de Wilma Lacerda. São quase sempre cabeças, sejam rostos femininos ou as carrancas de proa dos barcos nordestinos, aqui estilizadas e transfiguradas.

A figuração de Wilma Lacerda é nitidamente surrealista. Porém, nela, como já se esboçara na primeira mostra, em 1966, no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, onde nasceu (tendo fundado, em Olinda, o grupo Girassol) a linha do fantástico tem um ponto de partida e encontra nos motivos populares a sua caixa de ressonância. Na exploração desse veio novo, o casamento do surreal e popular, ela vai encontrar seu filão renovador. Através de uma imagística individualizada e de soluções pessoais, recria, incorporando-se ao seu mundo de sonho, uma realidade brasileira e nordestina.

Em termos literários, a união fantástico/popular produziu a corrente de maior influência nos últimos anos, a do realismo mágico latino-americano. Já os muralistas mexicanos se haviam abeberado nas lendas e mitos do povo, emprestando-lhes um cunho acentuadamente mágico.

Tivesse Wilma Lacerda enveredado com

plena força por esse caminho e faria já, quem sabe, pintura de grande impacto. Atingiria uma representação que, sobre ser simbólica, iria exprimir o real. O fantástico não surgiria nunca por acaso nem jamais se nutriria no vácuo.

Wilma, no entanto, não explora plenamente essa característica na qual reside a maior originalidade de seu trabalho.

A imagística da pintura vai buscar efeitos mais líricos. Cálices de fino cristal, transparentes, que são, ao mesmo tempo, rostos de mulher e de onde nascem outros rostos. Cálices muito frágeis que às vezes se partem, como há correntes partidas, sempre à distância. Rostos de mulher, inigmáticos, orientalizados, perdidos nessas distâncias infinitas que os horizontes acentuam. Pois a pintura de Wilma tem um toque sutil, feminino, só rompido pelas eventuais formas ponteadas e agressivas, pranchas ou anzóis.

Ao lado da temática nordestina apenas esboçada, há toda uma série de outras configurações que visam à construção de um universo puramente onírico. Sobre lençóis de água parada, imensas superfícies como a de lagos chineses, bóiam estranhas arquiteturas, casas típicas do nordeste ao lado de torres, como se de igrejas italianas. Mas a unidade da linguagem pictural aproxima essas figuras, conformadas todas pela matéria onírica comum. E, em todas elas, há como

# O fantástico e o popular em Wilma Lacerda

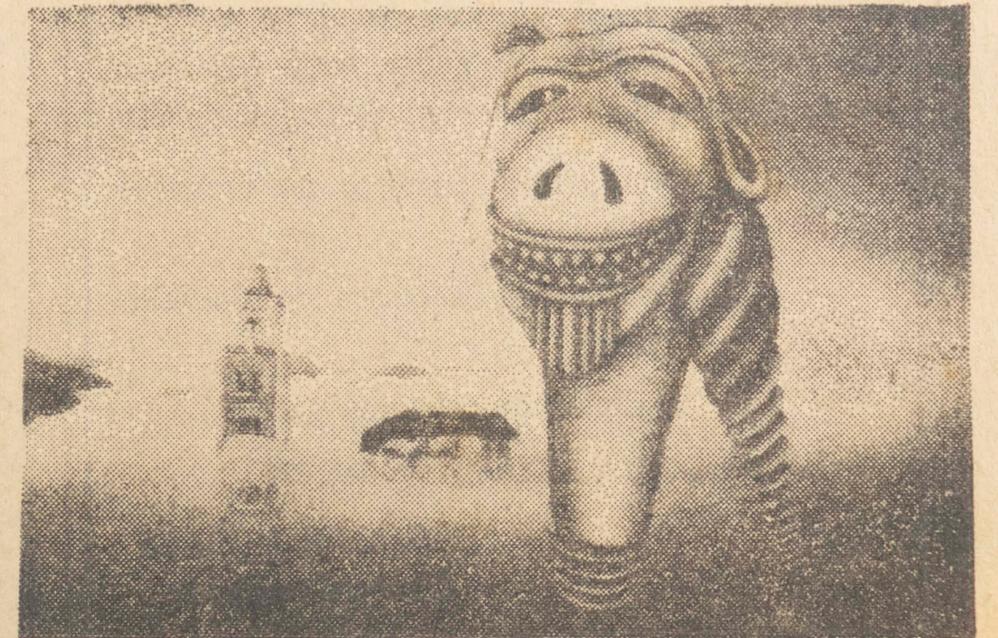
que um lento movimento. Qual vagarosa dança em câmara lenta, um lentíssimo impulso interior vai desintegrando-as: as cabeças bipartem-se e se recompõem, em sua rigidez de máscaras.

Wilma Lacerda começou a pintar em 1952, sob a orientação das franciscanas, em Recife. Em 1966, faria sua primeira individual; em 67, entrou na Escola de Belas Artes da Universidade de Pernambuco. Em 1968 foi que fundou o grupo Girassol em Olinda. De 69 a 71, estudou com Ivan Serpa. Em Brasília, 1970, fez uma individual no Hotel Nacional, à

qual se seguiria outra, em 72, no pavilhão de turismo da prefeitura de Cabo Frio, e ainda outra, na Galeria Irlandini, naquele mesmo ano.

Com uma pintura que vai se afirmando, embora ainda não inteiramente original, em sua busca de síntese entre sonho e terra, entre o arquetípico, intemporal, e uma realidade bem brasileira e original.

Preço dos quadros: De 60cm por 50cm, Cr\$ 8.000,00; de 40cm por 50cm, Cr\$ 6.000,00; de 16cm por 22cm, Cr\$ 2.500,00.



Quadro de Wilma Lacerda